Renda para o terceiro milênio

Luiz Antonio Pinazza *

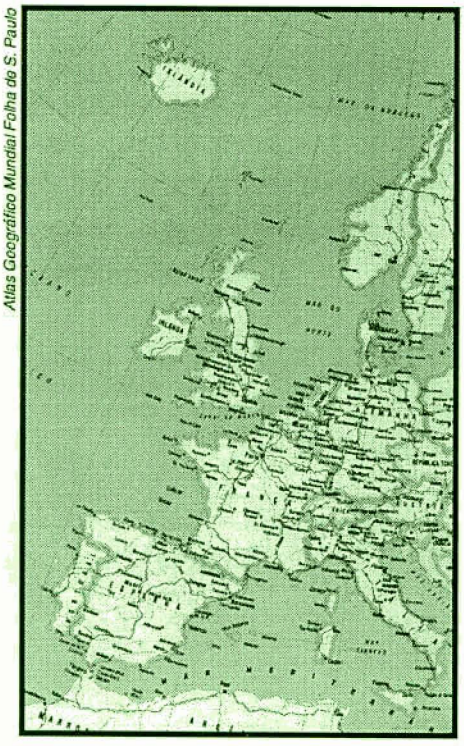
A Comissão Européia acaba de forjar um pacote de propostas para ser implementado entre 2000 e 2006. Do tipo rolo compressor, os objetivos são reduzir custos. Embora se queira a preservação do estilo de vida das comunidades rurais, os agricultores terão de buscar fontes alternativas de renda dentro ou fora das porteiras das fazendas.

As Rodadas da Organização Mundial de Comércio e os acordos de comércio regionais, formando os chamados blocos econômicos (que quase duplicaram de 1992 até agora), mostram alguns traços comuns. As matérias ali tratadas requerem análise acurada e consenso, com evolução lenta e gradual, sob um horizonte temporal bem distante. Quase sempre elas evocam títulos diferentes para chamar o futuro.

No caso específico da União Européia, a Comissão Européia acaba de forjar um pacote de propostas batizado de Agenda 2000 para ser implementado entre 2000 e 2006. Seu desdobramento sobre os destinos do *velho continente* será profundo, uma vez que inclui dentre outros assuntos uma reforma substancial no teor e na forma da Política Agrícola Comum (PAC). A linha será dura para sustentar o compromisso pungente "de manter em queda o peso dos gastos com a agricultura no orçamento total" (ver box).

A reformulação da PAC na Agenda 2000 toca particularmente 8 milhões de propriedades agrícolas espalhadas entre as comunidades rurais dos 15 países membros da UE. O projeto leva em conta também a integração futura dos países do Centro-Leste europeu.

Com o declínio da participação do setor agrícola na economia e as dificuldades orçamentárias enfrentadas pela UE o cenário mudou radicalmente nos anos 90. O *lobby* rural terá de buscar outros argumentos e esquecer o passado. A síndrome de buscar a segurança alimentar a qualquer custo para minimizar os riscos de guerras ou adversidades climáticas deixou de existir.



Atlas Geográfico Mundial Folha de S. Paulo

Agora, as políticas públicas tenderão a priorizar os interesses e os anseios de uma sociedade predominantemente urbana. Nesse contexto, a principal indagação é que papéis e funções cumpre à agricultura européia desenvolver?

As pesquisas de opinião junto a consumidores europeus de alimentos, fibras e energéticos apontam uma disparada preocupação com a qualidade e saúde dos produtos, bem como uma emergente consciência em torno da questão ecológica. Outra expectativa importante que a população nutre para com a agricultura diz respeito ao emprego de tecnologias de produção sustentáveis para garantir o equilíbrio dos hábitats e espécies naturais. As medidas para evitar a erosão, desertificação e desmatamento dos solos, bem como a preservação e conservação dos mananciais de água gozam de enorme receptividade.

Frente a tais percepções do eleitorado, os políticos reagem prontamente. As questões críticas ligadas à saúde dos consumidores, a qualidade dos produtos do agribusiness e a preservação do meio ambiente rural estão ganhando muito peso. Nesse efeito-dominó, as comunidades rurais e os produtores devem se preparar e ir ao encontro das aspirações da sociedade.

Enfim, sem muita saída, a PAC enfrenta o desafio de levar a agricultura européia ao encontro dos desejos de seus consumidores. Isso certamente irá torná-la mais orientada para o mercado. Mas para chegar a tal ponto o processo não corre livre e solto: os agricultores terão ânimo maior e correrão nessa trilha se

Pacote da reforma da PAC

Perdas

- *Cereais: corte de 20% no preço de intervenção*
- *Carne bovina: redução de 30% no preço de intervenção*
- *Leite: corte de 10% no preço suporte*

Ganhos

- *Aumento da área agrícola contemplada com pagamentos*
- *Maior prêmio para carne bovina e matrizes em amamentação*
- *Novo prêmio para vacas leiteiras*
- *Prorrogação do regime de quota de leite até 2002*

UE: produção de grãos (milhões de ha e t)

Ano	Área (ha)	Produção	Estoque (t)
1986	41,9	187,0	35,8
1987	41,7	179,8	34
1988	40,8	177,7	31
1989	40,5	185,6	29,1
1990	40,6	186,2	27,5
1991	39,1	184,7	33,9
1992	38,9	194,0	45,1
1993	37,8	178,2	44,9
1994	34,7	175,4	34,2
1995	34,5	171,0	24,1
1996	34,6	174,4	20
1997	36,7	202,5	30,6

Fonte: USDA.

seus esforços tiverem compensação da sociedade.

Os membros da CE se munem de argumentos. O panorama conjuntural é otimista, a partir da previsão de que em escala mundial o aumento da produção agrícola ficará abaixo do consumo. As projeções mostram também forte incremento de preços nas commodities agrícolas depois de 2006. Para completar, instigam que a UE não pode, de um lado, deixar seus recursos se dissiparem e, de outro, furtar-se à obrigação de contribuir globalmente com produtos de alta qualidade a preços competitivos.

É bem provável que os excedentes exportáveis da UE desapareçam a partir do ano 2000, até mesmo pelo compromisso selado na Rodada Uruguai de limitar os subsídios nas exportações. Mas se os instrumentos da PAC forem estendidos da mesma forma que funcionam hoje para os países do Centro e Leste europeu, os estoques indubitavelmente voltarão a aparecer. Aliás, as estatísticas já revelam um recrudescimento espetacular do tamanho da produção e no *carry-over* em período recente (ver tabela).

Do tipo rolo compressor, os esforços convergem para acelerar e ampliar as reformas realizadas na PAC em 1992, mediante a substituição dos preços-suporte por pagamentos diretos, uma vez que eles são mais eficientes para reduzir o custo: "como o mercado trabalha muitas vezes com preços acima daquele de intervenção, nem sempre se faz mister a compensação da totalidade dos cortes de preços".

No bojo das medidas está o programa de áreas não plantadas – *set aside* –, onde a PAC tenta controlar a oferta e a demanda das commodities agrícolas. Entre as safras de 1993/94 e 1997/98, a área de pousio contemplada no programa sofreu redução de 15% para 5%. Isso significa que maior quantidade de área foi liberada para plantio. Para a temporada 1998/99, alardeia-se que a taxa poderá saltar para 17,5% em face do aumento dos estoques de cereais e oleaginosas.

Achar soluções para equacionar o problema não é tarefa simples. Embora haja perspectiva de aumento na demanda mundial de alimentos, a previsão para algumas commodities agrícolas não é nada promissora na UE. Se a atual política agrícola for mantida, vai se abrir ainda mais o fosso que separa os seus preços internos, muito mais altos, daqueles praticados em nível mundial. E o que é pior, a UE corre o risco de ficar isolada e ir na contramão da OMC caso insista em deixar seus preços suporte altos, enquanto outros países exportadores importantes reduzem subsídios e remodelam suas políticas agrícolas.

Existe uma crença forte de que a maior orientação para o mercado trará alguns efeitos positivos para a UE. Acredita-se que sob um ambiente de menores preços os consumidores serão beneficiados com menores gastos, além do que haverá uma flexibilidade maior através da segmentação do mercado em cima de produtos orgânicos ou com diferenciação de origem. Seguindo nessa direção, tanto a preparação para as discussões da próxima rodada da OMC como o processo de integração dos países do Centro e Leste europeu ficarão mais fáceis.

Muitos produtores e suas organizações expressam posições sumariamente contrárias às reformas. A reação não surpreende e é interpretada como contumaz já que em 1992 também foi assim. A contestação não foi reiterada porque de lá para cá a renda agrícola da UE cresceu, os excedentes foram enxugados e as dotações orçamentárias respeitadas. Ante esses resultados os membros da UE ponderam: por que mudar o plano de vôo?

Na parte operacional a empreitada de reformar a PAC está nas mãos de Frans Fischler, um austríaco criado em uma fazenda na região do Tirol que se tornou ministro da Agricultura da UE em 1995. Com agenda lotada, Frans define como maratona de debates o seu esforço para conseguir consenso entre os 15 ministros de cada país membro da UE.

A idéia é fazer com que as intervenções públicas retornem ao seu papel original, de serem acionadas apenas em eventos extremos. Existem, *a priori*, dois objetivos-chave que a PAC continuará a perseguir: a preservação do estilo de vida das comunidades rurais e a contribuição para a estabilidade da renda.

Sem dar margem à menor dúvida, o fato é que os agricultores terão de buscar fontes alternativas e complementares de renda dentro ou fora das porteiras das fazendas. Todas as oportunidades devem ser investigadas. Entre as atividades que poderão trazer resultados positivos estão os produtos de alta agregação e qualidade, a produção de matéria-prima renovável para fins energéticos e não alimentares, o turismo rural, a preservação da herança cultural e o estilo de vida.

Fatalmente, todo ajustamento estrutural da agricultura tem seu lado dramático, que consiste em provocar um decréscimo de produção e renda *vis-à-vis* os demais setores econômicos. O processo precisa ser dosado e atenuado para não gerar conseqüências muito traumáticas. Da história para o fato basta um pequeno passo; qualquer iniciativa em prol do fortalecimento do desenvolvimento rural é sempre válida e necessária. A CE sugere uma reorganização nos instrumentos de política agrícola, com aplicação de medidas suplementares para programas ligados a meio ambiente, manutenção e formação de paisagens, áreas de descanso, reflorestamento, parques e reservas .

O posicionamento da CE tenta mostrar muita coerência para tratar com o conjunto de ameaças e oportunidades que cerca o ambiente agropecuário da UE, para definir seu posicionamento quanto a políticas agrícolas. O capítulo da Agenda 2000 que trata de agricultura propõe uma estrutura coerente de trabalho, no desafio de encontrar o melhor caminho para o desenvolvimento das atividades rurais. Ainda ao longo de 1998, fatos novos surgirão para avaliar se tal intenção está colhendo resultados práticos.

A Agenda 2000 busca harmonizar uma agricultura moderna com os anseios de uma sociedade desenvolvida e pronta para ingressar no terceiro milênio. Submeter-se à maratona de debates e fazer convergir interesses conflitantes são os grandes desafios de Mr. Fischler, o ministro da Agricultura da UE.

Gerente de Negócios da Agroceres. Diretor do Instituto de Estudos de Agribusiness da Associação Brasileira de Agribusiness
E-mail: pinazza@agroceres.com.br